



Revista Letras

Nº 101 - Jan./Jun. 2020

<http://revistas.ufpr.br/letras>

Editor: Alexandre Nodari

Projeto Gráfico: Yuri Kulisky

Organizadores do número temático

Simone Guessier e Núbia Ferreira Rech

Conselho Editorial

Antonio Dimas (USP), Beatriz Gabbiani (Universidad de la República do Uruguai), Carlos Alberto Faraco (UFPR), Carlos Costa Assunção (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Elena Godoi (UFPR), Filomena Yoshie Hirata (USP), Gilda Santos (UFRJ), José Borges Neto (UFPR), Júlio Cesar Valladão Diniz (PUC-RJ), Lígia Negri (UFPR), Lúcia Sá (Manchester University), Lucia Sgobaro Zanette (UFPR), Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC), Marília dos Santos Lima (UNISINOS), Mauri Furlan (UFSC), Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR), Raquel Salek Fiad (UNICAMP), Rodolfo A. Franconi (Dartmouth College), Rodolfo Ilari (UNICAMP)

Conselho Consultivo

Adalberto Müller (UFF), Álvaro Faleiros (USP), Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (UNESP-Araraquara), Fernando Cabral Martins (Universidade Nova de Lisboa), Helena Martins (PUC-RIO), Irene Aron (USP), Isabella Tardin Cardoso (UNICAMP), Juliana Perez (USP), Luciana Villas Boas (UFRJ), Márcia Martins (PUC-RIO), Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP), Matthew Leigh (University of Oxford), Patrick Farrell (University of California/Davis)

Lista dos pareceristas ad hoc

Juanito Avelar, Adeilson Sedrins, Gabriel Othero, Cristina Figueiredo, Alessandro Medeiros, Rafael Minussi, Aline Roderio Takahira, Ana Paula Scher, Thiago Motta, Ani Carla Marchesan, Luisandro de Souza, Luciana Sanches Mendes, Danniell Carvalho, Mercedes Marcilese, Thiago Chacon, Glauber Romling, Juliana Marins e Marco Antônio Martins.

SUMÁRIO

3	APRESENTAÇÃO
6	GENERAL LINGUISTICS AND CARTOGRAPHY: AN INTERVIEW WITH UR SHLONSKY <i>Aquiles Tescari Neto</i> <i>Núbia Ferreira Rech</i> <i>Simone Guesser</i>
16	DIFFERENTIAL OBJECT MARKING IN TUKANO <i>Fábio Bonfim Duarte</i> <i>Braulio Brandão de Oliveira Lopes</i>
45	MODO: O CASO DO KARITIANA <i>Ana Müller</i> <i>Luiz Fernando Ferreira</i>
71	MARCAÇÃO DIFERENCIAL DO SUJEITO EM LÍNGUAS DO GRUPO TIMBIRA <i>João Henrique Santos de Souza</i> <i>Fábio Bonfim Duarte</i>
95	PP COORDINATION, EMBEDDING AND FEATURE SHARING: SEEKING THE CONNECTIONS BETWEEN NOTATION AND PROCESSING <i>Tom Roeper</i> <i>Marcus Maia</i> <i>Sabrina Santos</i>
114	RESUMPTIVOS EM RELATIVAS DE OBJETO DIRETO: RESULTADOS DE LEITURA AUTOMONITORADA <i>Marina R. A. Augusto</i> <i>Marije Soto</i> <i>Nathan de Sena</i> <i>Jomara Bernardes</i>
144	SOBRE AS LEITURAS DE COMO ASSIM EM PORTUGUÊS BRASILEIRO <i>Simone Guesser</i> <i>Lorrane Medeiros</i> <i>Flore Kédochim</i> <i>Raquel Sousa</i>
178	PROPRIEDADES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS DAS EXCLAMATIVAS-WH: CATEGORIAS, HIERARQUIAS E DERIVAÇÕES <i>Bruno Ferreira de Lima</i> <i>Aquiles Tescari Neto</i>
206	TRABALHOS COLABORATIVOS COM POVOS INDÍGENAS: O SABER ACADÊMICO E O TRADICIONAL NA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS <i>Isabella Coutinho Costa</i>

O presente número da Revista Letras é dedicado a trabalhos de participantes do XII Encontro Intermediário do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática (GTTG) da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), realizado na Universidade Federal de Roraima (UFRR) em julho de 2019.

O volume contempla também uma entrevista realizada com Ur Shlonsky, professor e pesquisador da Universidade de Genebra. Nessa conversa, Aquiles Tescari Neto, Núbia Ferreira Rech e Simone Guesser tocam em assuntos que vão desde questões mais pessoais – elaboradas com o propósito de saber um pouco sobre quando e como emergiu o interesse de Ur Shlonsky pela área da Linguística –, passam por perguntas relacionadas ao projeto cartográfico e chegam a tópicos relacionados às pesquisas atuais do Professor.

Na sequência, o primeiro artigo, *Differential Object Marking in Tukano*, de autoria de Braulio Lopes e Fábio Bonfim, mostra que essa língua apresenta marcação diferencial de objeto. Os autores assumem que essa marcação é ativada por um morfema (-re), o qual figura apenas em objetos definidos; os indefinidos não exibem qualquer tipo de marcação. Assim, a ocorrência ou não do morfema -re indica se o argumento interno é definido ou não. Os autores propõem que -re marca Caso dependente baixo, o qual é atribuído apenas a argumentos internos, e explicam sua distribuição sintática pela aplicação da regra de atribuição de caso dependente, com base em Baker (2015).

No segundo trabalho, *Modo: o caso do Karitina*, Ana Müller e Luiz Fernando Ferreira discutem os morfemas do Karitiana classificados como modo por Storto (2002). Os autores partem das definições de *modo ilocucional* e de *modo modal* (Portner, 2011), associando os morfemas deôntico e contrafactual do Karitiana à definição de *modo modal*, por marcarem tipo de modalidade; e os morfemas declarativo, assertivo e citativo, à definição de modo ilocucional, por indicarem força ilocucional declarativa. Os autores mostram, ainda, que ambos os modos se realizam como flexão verbal. Os dados que embasaram a análise foram coletados de narrativas e por elicitación contextualizada, seguindo a metodologia de Matthewson (2004) e Sanches-Mendes (2014).

O terceiro artigo é de autoria de João Henrique Santos e Fábio Bonfim, intitulado *Marcação Diferencial do Sujeito em línguas do grupo Timbira*. Os autores investigam as partículas de Caso -te e -mã, explicando o surgimento do sistema de marcação diferencial do sujeito nessas línguas. Os autores constataam que o sujeito de verbos transitivos nas línguas do complexo

dialetal Timbira pode receber até três Casos: o Caso ergativo (-te), que marca o sujeito de verbos transitivos de ação no aspecto perfectivo; o Caso dativo (-mã), que marca o sujeito de verbos transitivos de estado psicológico com os traços semânticos [+afetado] e [-controle]; e o Caso nominativo (-ø), que corresponde a Caso estrutural, atribuído pelo núcleo tense (=To) da sentença, e não está necessariamente atrelado à atribuição de papel temático.

No quarto trabalho, *PP Coordination, Embedding and Feature Sharing: seeking the connections between notation and processing*, Tom Roeper, Marcus Maia e Sabrina Santos apresentam dois experimentos de correspondência entre frases e figuras em construções de sintagmas preposicionais em inglês e em português. Pela comparação dos resultados dos experimentos de coordenação de PPs (Direto Não Estruturado – DU), encaixe (Estrutura Indireta - IS) e compartilhamento de traços (Estruturação Direta - DS), tendo por base os tempos médios de resposta, os autores chegam à seguinte hierarquia: DU <IS <DS, a qual é explicada a partir de possíveis conexões entre a construção de compartilhamento de traços com os fenômenos de concordância.

O artigo quinto é de autoria de Marina Augusto, Marije Soto, Nathan de Sena e Jomara Bernardes, intitulado *Resumptivos em relativas de objeto direto: resultados de leitura automonitorada*. Os autores focam nas sentenças relativas resumptivas de objeto direto do português brasileiro. Através de um estudo de leitura automonitorada, investigam se tais estruturas - por conterem um pronome na posição de interpretação do elemento relativizado - podem causar o *efeito da lacuna preenchida* e em que medida a legitimidade desse tipo de sentença no PB pode aliviar tal efeito. O experimento envolveu três condições, a saber: relativas gramaticais com lacuna, relativas agramaticais com lacuna preenchida com DP e relativas gramaticais com resumptivo. Levou-se em conta os tempos de leitura do segmento crítico, da região *spill-over*, e dos dois últimos segmentos. Os resultados mostraram que há, inicialmente, um custo de processamento vinculado ao pronome resumptivo no segmento crítico. Em contrapartida, tal custo é logo reintegrado, na posição *spill over*, para o processamento da sentença, mostrando, além disso, tempos de leitura mais rápidos nos últimos segmentos. Na análise dos autores, tais fatos revelam que sentenças relativas com pronomes resumptivos são processadas como legítimas no PB, mesmo sendo, do ponto de vista estilístico, avaliadas pelos falantes como de pouco prestígio.

No sexto artigo, Simone Guesser, Lorrane Medeiros, Flore Kedochim e Raquel Sousa tratam das possíveis leituras para o sintagma *como assim* em português brasileiro. A partir de um estudo experimental que envolve dois experimentos *off-line* não cronométricos, as autoras comprovam a existência de 4 leituras para *como assim*: de causa, de motivação, elucidativa e de incredulidade. Nos dois primeiros casos, *como assim* atua como operador sentencial, ao passo que, nos dois últimos, tal sintagma não se

caracteriza pragmaticamente como operador de pergunta (em sentenças elucidativas, *como assim* serve para solicitar esclarecimentos sobre o que se ouviu anteriormente e, em sentenças de incredulidade, serve para explicitar surpresa).

No sétimo artigo, *Propriedades sintático-semânticas das exclamativas-wh: categorias, hierarquias e derivações*, Bruno Ferreira Lima e Aquiles Tescari Neto apresentam uma descrição e análise para as sentenças exclamativas do tipo wh- em PB, tomando como base a Cartografia Sintática. Os autores propõem uma sistematização das categorias apontadas pela literatura como envolvidas nesse tipo de sentença e mostram - com base, sobretudo, em *testes de sensibilidade/co-ocorrência* - que, dentre tais categorias, as que realmente estão presentes na exclamatividade wh- são aquelas relacionadas à força, miratividade, avaliação, evidencialidade/referencialidade e indexicalidade. Nesse sentido, as projeções ForceP, MirativeP, EvaluativeP, EvidentialP, CircumstantialP (ou DemP) são ativadas na derivação de todos os tipos de exclamativas-wh. Por outro lado, no caso de exclamativas com *que* e *quanto*, mas não naquelas com *como*, seria projetado DegP, núcleo localizado no sistema CP.

Por fim, o oitavo artigo, intitulado *Trabalhos colaborativos com povos indígenas: o saber acadêmico e o tradicional na elaboração de materiais didáticos*, de autoria de Isabella Coutinho, trata de materiais didáticos para o ensino de línguas indígenas feitos em colaboração com professores e demais membros de comunidades indígenas de Roraima. A autora relata duas experiências de trabalhos colaborativos que tomam como aspecto central o conhecimento implícito dos falantes sobre a estrutura das suas línguas. Ela mostra que o resultado do trabalho se apresenta muito mais produtivo quando, a fim de minimizar a distância entre conhecimento acadêmico e conhecimento tradicional, metodologias não colonizadoras, no sentido de Smith (2012), são adotadas.

Agradecemos a todos os participantes do Encontro do GTTG-2019, por terem levado suas pesquisas à UFRR, uma universidade que está dando seus primeiros passos na área dos estudos formais sobre a linguagem. Temos certeza de que esse momento foi um marco importante para os alunos e professores da área de Letras dessa instituição. Muito obrigada também à Teresa Cristina Wachowicz e ao Alexandre Nodari, pelo importante suporte técnico na organização deste número; por fim, agradecemos a todos os membros do GTTG pela oportunidade que nos foi dada de trabalhar de maneira mais intensa com o grupo nesses dois anos de coordenação.

Simone Guesser
Núbia Ferreira Rech